



A FONÉTICA E A FONOLOGIA NO LIVRO DIDÁTICO: a questão das variantes linguísticas

Daniele Oliveira – UNIOESTE

Rebeca Cristina Kerkhoven – UNIOESTE

Profª Orientadora Clarice Braatz Schmidt Neukirchen – UNIOESTE

RESUMO: Apresenta-se, nesta investigação, uma análise e reflexão dos encaminhamentos de atividades e conteúdos referentes à disciplina de Fonética e Fonologia no livro didático “Português Contemporâneo; diálogo, reflexão e uso”, designado aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, de Cereja, Vianna e Codenhoto (2016). Optou-se pela análise do segundo capítulo, intitulado “Literatura na baixa idade média: o trovadorismo – variedades linguísticas – o poema”. Os fundamentos teóricos utilizados apoiam-se em Seara, Nunes e Volcão (2011), Silva (2003), Callou e Leite (2009) e Santos, Santos e Costa (2013). A priori, os resultados apontam que o capítulo do livro didático apresenta conteúdos de Fonética e Fonologia de forma implícita, à medida que o assunto variante linguísticas é bem explorado – tanto nos conceitos teóricos e exemplos, como por meio de atividades complementares. Ressalta-se a importância do ensino das variantes linguísticas no Ensino Médio, contextualizando-as a partir da Fonética e da Fonologia.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética e Fonologia; livro didático; variantes linguísticas.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é do tipo experimental bibliográfica e teve como objetivo compreender e analisar o documento “como objeto de investigação” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.5) – nesse caso, o livro didático –, a fim de averiguar como são abordados e trabalhados os conteúdos que englobam a área de Fonética e Fonologia neste documento.

Esse trabalho foi proposto como Atividade Prática como Componente Curricular (APCC) desenvolvido na disciplina de Fonética e Fonologia, que integra a grade curricular do curso de Letras, ministrada pela Profª Clarice Braatz, no primeiro semestre de 2017, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

A proposta da APCC era escolher um livro didático do Ensino Fundamental ou Médio que estivesse sendo usado nas escolas públicas no ano de 2017. Convém dizer que os conteúdos de Fonética e Fonologia ajudam o aluno e toda a comunidade escolar a compreender os sons articulados em uma língua. Por meio dos estudos dessa área, consegue-se distinguir os fonemas [l] e [u] nos finais das palavras, por exemplo. A Fonética e a Fonologia ajudam os professores a ensinar a língua, principalmente na fase da alfabetização. Dessa forma, considerou-se importante averiguar se esses conteúdos são expostos e como são expostos no livro didático. Para tanto, investigamos no site do Ministério da Educação quais eram as editoras que publicaram livros didáticos segundo PNLD. O livro escolhido foi “Português contemporâneo diálogo, reflexão e uso vol. 1”, Manual do professor, dos autores Cereja, Vianna e Codenhoto (2016), do primeiro ano do Ensino Médio, da editora Saraiva, por apresentar maiores indícios de trabalhar Fonética e Fonologia.

ANÁLISE DOS ELEMENTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NO LIVRO DIDÁTICO

O *corpus* selecionado para análise foi o segundo capítulo do livro didático, intitulado “Literatura na Baixa Idade Média: O trovadorismo Variedades linguísticas – o poema”. Este capítulo

se divide em três seções principais: “Literatura: O Trovadorismo”; “Língua e Linguagem: Variedades Linguísticas”; e “Produção de Texto: O Poema”. Optou-se por analisar em específico as duas primeiras seções, por serem temas que possibilitaram um estudo mais amplo sobre a presença dos conteúdos da área da Fonética e da Fonologia.

Na primeira seção - “Literatura: O Trovadorismo” introduz-se o tema Trovadorismo contextualizando, inicialmente, com uma imagem dos vitrais de uma igreja da Idade Média e, posteriormente, com algumas questões que buscam a interpretação e levantamento de hipóteses acerca dessa imagem. No decorrer dessa seção, os autores exploram o contexto de produção e os meios de circulação das cantigas trovadorescas e, também, preocupam-se em apresentar algumas cantigas desse período nas versões originais em galego-português, e nas versões em português contemporâneo, a fim de serem feitas comparações lexicais, sintáticas e sonoras. Dessa forma, a partir dessas análises, observa-se que o livro didático trabalha com conceitos e elementos fonético-fonológicos quando propõe comparar a sonoridade entre as cantigas originais e as traduzidas para o português atual, mesmo que de forma explicitada sem contextualizar esses conteúdos dentro da área da Fonética e da Fonologia (SEARA, NUNES e LAZAROTTO, 2011). Percebe-se, ainda, que ao ler estas cantigas, há pequenas modificações nos pontos de articulação, visto que, o galego português é “uma língua de origem latina da qual deriva o português brasileiro” (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 50). Essas diferenças e semelhanças apontadas entre as duas línguas serão usadas pelos autores como exemplo para explicar, na próxima seção (“Língua e Linguagem: Variedades Linguísticas”), que o português é uma língua que sofre variações.

Na seção seguinte, intitulada “Entre Saberes: História Arte” - localizada entre as duas primeiras seções analisadas nessa investigação - o livro didático sugere ao professor “que esta seção seja trabalhada oralmente” (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 46). Dessa forma, assim como a seção anterior, os autores abordam vários conteúdos que trabalham com elementos fonético-fonológicos, porém de maneira implícita, porque não há menção, relação ou contextualização com a área da Fonética e da Fonologia.

Nesse capítulo, na seção “Língua e Linguagem: Variedades Linguísticas”, Cereja, Vianna e Codenhoto (2016) introduzem esse conteúdo expondo a canção “Vozes da Seca”, de Luís Gonzaga e Zé Dantas. Nessa primeira parte, os autores se preocupam muito com fato dos alunos conseguirem identificar a variedade linguística presente na canção, que é um fenômeno fonético-fonológico. Para tanto, orientam o professor a ouvir com seus alunos essa canção, para que “eles escutem a variedade em sua forma original e percebam a beleza estilística dos versos” (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 48).

Após apresentar a canção “Vozes da Seca”, o livro didático encaminha oito questões para que o aluno reflita sobre o contexto histórico e a linguagem da canção. Por meio dessas atividades, os autores buscam possibilitar aos alunos meios para que eles mesmos consigam analisar a canção, refletindo sobre as questões sociolinguísticas que envolvem o sistema linguístico, ou seja, “considerar a relação que a língua tem com a sociedade que a utiliza” (SANTOS; SANTOS; COSTA, 2013, p.98).

Um exemplo é a questão de número 2, letra D:

Observe a evolução histórica simplificada da expressão Vossa mercê:

Vossa mercê > vosmicê > mercê > você

Que outras palavras da língua estão nessa mesma linha de evolução?

(CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 49).

Nessa questão, percebe-se, primeiramente, que os autores procuram instigar o aluno a refletir, que as palavras *vosmicê* e *mercê*, passaram por mudanças que não aconteceram de um momento para outro; elas são contínuas e graduais. Segundo Faraco,

o que deve ficar claro, nessa altura, é que se, de um lado, a mudança

linguística é contínua como estamos discutindo, ela é, por outro lado, lenta e gradual, isto é, a mudança nunca se dá abruptamente, do dia para a noite. Ao mesmo tempo, a mudança de uma língua para outra, ou de um estágio de língua para outro, nunca ocorre de forma global e integral: as mudanças vão ocorrendo gradativamente, isto é, vão atingindo partes da língua e não seu conjunto; e mais: a gradualidade do processo histórico se evidencia ainda pelo fato de que a substituição de uma forma *x* por outra *y* passa sempre por fases intermediárias. Há o momento (quase sempre longo) em que *x* e *y* coexistem como variantes; depois há o momento (também normalmente longo) da luta entre *x* e *y* seguida do desaparecimento de *x* e da implementação hegemônica de *y* (FARACO, 2005, p. 46).

Sendo assim, podemos dizer que as mudanças que aconteceram com essas palavras que os autores trazem como exemplos chegaram a ser como são hoje, *você* e *cê*, graças a um longo processo de evolução da língua. Contudo, ainda cabe dizer que as formas *você* e *cê* são as formas mais faladas atualmente e que, uma dessas formas pode vir a tomar o lugar da outra no futuro, dado o caráter vivo da língua.

Ademais, conseguimos constatar que Cereja, Vianna e Codenhoto (2016) trazem em seus exercícios, exemplos que passaram por processos fonológicos importantes como a aférese, a apócope e a síncope. As palavras *vosmicê* e *mercê* estão relacionadas com a expressão do português arcaico *Vossa mercê*. A mudança ocorreu, portanto, da seguinte forma: *Vossa mercê*, *vosmicê*, *mercê* e *você*. Acontece a apócope porque os vocábulos se modificam, ficando menores, inclusive na sua forma escrita. Já a aférese acontece principalmente nas palavras *vosmicê*, *mercê* e, ainda, nas palavras *você*, e na forma mais atual *cê*, considerando-se que no caso da aférese ocorre a supressão inicial. A síncope se refere ao desaparecimento de um fonema no interior da palavra, como em *vossa mercê* e *vosmicê*, percebe-se que elas se juntam e ocorre a perda do “r” e “s”, ficando *vosmicê*.

A questão 5, dessa mesma seção de exercícios, exemplifica tais aspectos:

5. Observe estas ocorrências: os nordestino, os rio, os juru.
 - a. Elas exemplificam uma regra própria da fala de algumas variedades do português brasileiro. Qual é essa regra?
 - b. Levando hipóteses: Em *juru*, o que explica a troca do *o* pelo *una* segunda sílaba da palavra?(CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 49).

Na questão apresentada acima, os autores se valem de exemplos comuns usados em contextos reais da língua portuguesa falada: “Os nordestinos”, “os rio”, “os juru”. Percebe-se que nessa variedade do português há marca de plural apenas nos artigos e não no substantivo que precede, tem-se o apagamento de plural no substantivo. É possível, ainda, perceber que os falantes das variantes “juru” com o fonema final[u] e “juru” com [o] prezam por uma harmonização vocálica. O mesmo acontece no exercício 6, em que ocorre uma situação semelhante ao exercício 5. Exemplificando o processo de harmonia vocálica, pode-se citar como exemplo as palavras: menino e mininu(exemplo das autoras do artigo). Esses são alguns aspectos fonéticos e fonológicos que Cereja, Vianna e Codenhoto (2016) levantam neste capítulo.

Em uma segunda parte, apresenta-se uma discussão e reflexão sobre a língua, na qual os autores explicam que é

um equívoco, entretanto, acreditarmos que o português brasileiro é uma língua falada homogeneamente em todo o país, uma vez que há elementos diversos que contribuem para que ela sofra variações. Essas variações são de natureza geográfica, histórica, social, entre outras, e a elas se devem as diferenças observadas entre os falantes brasileiros. Alterações lexicais, semânticas e sintáticas, isto é, quanto a vocabulário, significados e construções, são comuns e naturais, fazendo parte da



evolução de qualquer idioma (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 50).

Dessa forma, neste capítulo, os autores têm uma preocupação em explicar que as línguas não são homogêneas e tendem a passar por alterações e variações conforme o contexto de uso, em outras palavras, que as “línguas transformam-se e vão adquirindo características e peculiaridades próprias em função do seu uso por comunidades específicas” (SANTOS; SANTOS; COSTA, 2013, p.88). Além disso, explicam que essas variações, a partir da sociolinguística, que existem dentro da língua de uma comunidade, fazem parte da identidade linguística de cada indivíduo. Portanto, essas manifestações linguísticas não são consideradas como erradas, mesmo que desviem de uma norma padrão, porque a língua sempre está em um processo de mudanças. Nesse sentido, a norma padrão de uma língua só é criada para normatizar padrões linguísticos para facilitar a comunicação entre a sociedade. Assim, os autores explicam que determinar

a norma-padrão de uma língua não significa definir uma variedade como a mais correta, mais completa, mais bonita ou mais dotada de certa qualidade específica. Trata-se, na verdade, de adotar uma convenção a fim de instituir e fixar um modo mais estável de se produzirem textos que possam perdurar por um período mais longo. O estabelecimento dessa convenção, sem dúvida, envolve relações de prestígio, poder, classe social. Em outras palavras, toda variedade linguística poderia, em princípio, ser definida como a norma-padrão, o que teria como consequência a produção de matérias e gramáticas para descrevê-la e legitimá-la (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 51).

Portanto, o livro didático trabalha com essas concepções de língua, que são possíveis por meio dos estudos fonéticos fonológicos que formam cada uma das línguas, dialetos e variedades da língua falada e escrita, com o intuito de mostrar aos alunos que a língua culta não deve ser considerada melhor que as outras variedades linguísticas, pois

a língua culta é o idioleto de um pequeno grupo pertencente à classe social dominante, que não por acaso é também a mais escolarizada, considerada pela escola como único modelo linguístico socialmente “correto” e imposto aos desfavorecidos no contexto socioeducacional (SANTOS; SANTOS; COSTA, 2013, p.88).

Ainda, para conhecimento dos alunos, os autores explicam que todas as manifestações linguísticas, muitas vezes, afetam e atrapalham a escrita, por consequência desse modelo linguístico socialmente “correto”, que não engloba as variações linguísticas existentes na língua portuguesa, porque o quadro atual do país é que a

realidade linguística brasileira é negada, mesmo diante de tantas evidências da heterogeneidade presente no falar brasileiro, considerando urgente a existência de uma política linguística que seja capaz de elaborar gramáticas do português brasileiro para contemplar tal realidade linguística (PERINI, 2010*apud* SANTOS; SANTOS; COSTA, 2013, p.88).

Além dessas concepções sobre variantes, o livro didático tem toda uma preocupação em apresentar os tipos de variação - diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica - não com o intuito principal de o aluno decorar as classificações, mas sim, que “por meio dos exemplos, eles compreendam melhor o processo de variação” (CEREJA; VIANNA; CODENHOTO, 2016, p. 51) - tal objetivo está explícito no manual do professor.

Nesse sentido, considerando-se que o foco principal deste capítulo é explorar as variantes linguísticas, os autores introduzem esse tema, tendo como objetivo que alunos tenham um breve



conhecimento de que o fonema é compreendido como unidade mínima de sentido, salientando que

O fonema pode variar na sua realização. Aos vários sons que realizam o mesmo fonema damos o nome de variantes, elementos que a descrição fonológica de uma língua não deve deixar de lado. Uma variante apresenta-se como manifestação substancial de uma unidade abstrata ou como variante do padrão que representaria essa unidade. A fonemização implica redução de um número ilimitado de variantes a um número limitado de invariantes (CALLOU; LEITE, 2009, p. 42).

Sendo assim, no decorrer desse capítulo, os autores convidam os alunos a compreenderem, que é possível perceber as variantes linguísticas por meio dos fonemas e compreender como esses sons da língua são articulados, pois essas mutabilidades da língua “se caracterizam não por uma qualidade particular positiva de cada um, mas simplesmente pelo fato de que não se confundem uns com os outros” (CALLOU; LEITE, 2009, p. 36). Ou seja, que esse conjunto de fonemas passa então a sofrer influência das tradições, cultura, região, escolaridade, descendência, sexo, profissão, entre outros fatores que interferem para que ocorra a variação linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, a hipótese era que a maioria dos livros didáticos abordava de forma superficial e implícita muitos dos conceitos e conteúdos da disciplina de Fonética e Fonologia. Porém, ao investigar e analisar esse capítulo, considera-se que, em específico, este livro didático trabalha de forma enriquecedora e detalhada muitos conteúdos e elementos fonético-fonológicos que são fundamentais para que o aluno consiga conhecer e compreender sua realidade linguística. Dessa forma, Cereja, Viana e Codenhoto (2016) tiveram um cuidado e uma preocupação muito grande em explorar as variações do português brasileiro a partir de uma concepção sociolinguística, ao mostrar “a relação que a língua tem com a sociedade que a utiliza” (SANTOS; SANTOS; COSTA, 2013, p.98). Mesmo que os autores não tenham especificado que os conteúdos que serão trabalhados nessas seções são da área da Fonética e Fonologia, ainda assim, classificaram e trabalharam alguns assuntos – tipos de variações, por exemplo – a partir de conceitos fonético-fonológicos e linguísticos.

O que ajudou e influenciou muitos em nossas análises foi ter a chance de analisar o livro didático manual do professor, pois se percebeu de forma mais clara quais foram os objetivos dos autores, quando se referia ao professor, ao encaminhar as atividades, organizar e contextualizar os conteúdos, propor momentos de reflexão. Enfim, a maioria dessas propostas foi formulada com o intuito de oferecer ao aluno possibilidade de conseguir compreender e apreender o máximo de conteúdos, que incluísse, entre outras áreas, a da Fonética e da Fonologia, mesmo que de forma implícita.

REFERÊNCIAS

- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. Fonologia. In: *Iniciação à fonética e à fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2009, p. 35-47.
- CEREJA, William Roberto; VIANNA, Caroline Assis Dias; CODENHOTO, Christiane Damien. *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, vol.1. Manual do professor. São Paulo: Saraiva, 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SANTOS, Camila Fernandes dos; SANTOS, Robervaldo Correia dos; COSTA, Geisa Borges. Processos fonológicos: um olhar sobre a escrita de alunos das séries iniciais. In: *Revista Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Vol. XVII, n. 08. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingues; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa



documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I – Número I – Julho de 2009.

SILVA, ThaisCristófar. *Fonética e fonologia do português*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.